

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

SULAMITA DA SILVA BAZAGA

A influência africana na formação da cultura afro-brasileira.

Juiz de Fora
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BAZAGA, Sulamita da Silva.

A influência africana na formação da cultura afro-brasileira / Sulamita da Silva BAZAGA. – 2017.

37 f.

Orientador: Daiana Lucas VIEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.

Especialização em História da África, 2017.

1. cultura africana. 2. identidade brasileira. 3. trocas culturais. I. VIEIRA, Daiana Lucas, orient. II. Título.

SULAMITA DA SILVA BAZAGA

A influência africana na formação da cultura afro-brasileira.

Trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, elaborado e submetido ao programa de pós-graduação como requisito necessário para certificação da Especialização em História da África.

Orientadora: Prof^ª Daiana Lucas Vieira.

Juiz de Fora - MG
2017

INTRODUÇÃO

É necessário criar em nossos alunos outro olhar sobre a história do nosso país e a história da humanidade. Um olhar que promova uma perspectiva menos eurocêntrica, onde novos personagens e espaços sejam inseridos no contexto histórico da formação da identidade nacional e humana.

Segundo Mônica Lima e Souza, reconhecer a presença Africana amplia a nossa concepção de mundo e permite perceber aspectos das relações entre povos e regiões do planeta ao longo do tempo, por nós ainda pouco conhecidos e compreendidos (2014, p.1).Esse aprendizado amplia nosso conhecimento, e nos faz entender a importância da história da África na construção da história humana.

Em vários momentos históricos os povos africanos estiveram diretamente ligados na transformação de um determinado povo. No Brasil, por exemplo, os Africanos contribuíram na construção da cultura. De acordo com Mônica Lima e Souza, nas alianças e resistências, africanos e africanas estiveram nessa história de uma forma ativa, para além do sofrimento nos porões dos tumbeiros(2014, p.2). Na criação de quilombos e rebeliões escravas que iam do Caribe ao sul dos Estados Unidos até a Bahia, passando por muitos espaços nas Américas Negras, africanos contribuiriam para o fim do tráfico escravista e da escravidão.

A formação de nosso país está inteiramente ligada a este continente, pois durante muito tempo recebemos um grande número de africanos escravizados. Os escravos vindos da África não podiam trazer nenhum objeto, porém traziam consigo memórias, conhecimentos, tecnologias e técnicas agrícolas e de mineração, entre outras. As matrizes culturais que nasceram do outro lado do oceano atlântico encontram-se presente até os dias de hoje na música, na religião, na culinária, na forma de se vestir, e no vocabulário.

Pensando na importância de se trabalhar a contribuição dos africanos vindos para o Brasil no período colonial para a formação de nossa cultura e identidade nacional, desenvolvi durante a elaboração deste trabalho de conclusão de curso um

material didático voltado para estas questões. O material didático que será apresentado neste trabalho de conclusão de curso consiste em um jogo de dominó com palavras de origem africanas e seus significados. A linguagem é uma manifestação de conhecimento de um grupo. É através dela que é passado experiências acumuladas de um povo, os valores e suas memórias. O objetivo do jogo é fazer com que o aluno perceba a África em si, não somente de forma limitada ao tom de pele, textura do cabelo, mas que essa herança vai muito além de fatores biológicos.

A LEI 10.639

Em 9 de janeiro de 2003, entra em vigor a lei 10.639, que torna obrigatório o ensino de história da África e dos Africanos no Brasil em todos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares.

Esta lei atende a antigas reivindicações do movimento negro. Além de reforçar a luta contra a desvalorização dos negros e da cultura negra, que tanto contribuíram na construção de nossa cultura. A inserção do estudo da cultura Africana na escola não é uma conquista apenas dos estudiosos ou dos militantes do Movimento Negro, mas de toda a população Brasileira, pois além de beneficiar a educação, contribui com a desconstrução de pensamentos negativos acerca das relações étnico- raciais nas escolas.

Muitos atos preconceituosos, racistas se desenvolvem por falta de conhecimento e diálogo abertos. Não há manifestações racistas que resistam a força do conhecimento.

Durante muitos anos nós brasileiros fomos tratados pelo principio da igualdade expressão em nossa constituição. Até a década de 1980, a educação brasileira enfocava a questão da inclusão usando paradigmas próprios do principio da igualdade. Mas não somos todos iguais. Após essa década, de acordo com Gisele Santana, autores de diferentes posições passaram a elaborar uma reflexão no âmbito educacional, criticando a forma como tradicionalmente vinham sendo tratadas as diferenças, sempre sublimadas pelo conceito de igualdade. A autora alerta que a educação fundada no pressuposto da igualdade e da inclusão sublimou as diferenças e deste modo acabou norteando os currículos e orientações escolares a partir de uma concepção branca e eurocentrista da cultura(SANTANA, 2009).

Precisamos preparar nossos alunos para a diversidade existente entre nós brasileiros. Por isso a lei 10.639 se faz tão importante para nossa educação. É importante que seja levado em conta durante nossa formação a diversidade cultural e memórias coletivas de vários grupos que formam a nossa sociedade. Mesmo com todos estes debates presentes no contexto educacional desde 1990, ainda encontramos a diversidade cultural brasileira sendo tratada na escola e nos livros didáticos por meio de celebrações comemorativas e de datas alusivas a índios e negros.

A educação é um direito de todos, e temos muitas crianças usufruindo deste direito. Isso é de suma importância para a construção de um país mais justo. Infelizmente não é só de educação que nossas crianças são carentes, mas precisamos de uma educação de qualidade, precisamos que a educação promova o respeito e a valorização das diferenças culturais, que ajude a fortalecer entre os brasileiros o ideal da igualdade de oportunidades.

A influência africana na cultura brasileira

Muitas palavras do vocabulário brasileiro têm origem africana, ou faz referência a alguma prática desenvolvida pelos africanos escravizados que vieram para o Brasil. Estas palavras expressam a forte influência do povo africano na formação da cultura brasileira.

O grande número de palavras “herdadas” pelo nosso país, vem de diferentes povos do continente africano, como os nagôs, que falavam línguas como ioruba e os povos bantos que falavam diversas línguas como quibundo e umbundo

As línguas bantas, trazidas pelos escravos para o Brasil, contribuíram com muitas palavras para o português que se fala e se escreve no país. Além disso, existem também línguas na África resultantes da mistura de línguas estrangeiras com línguas locais – são as chamadas línguas crioulas.

O fato de as escravas africanas ficarem responsáveis pela cozinha de seus senhores, permitiu a influência africana na alimentação. Muitos são os exemplos desta influência em nossa culinária, como acarajé, vatapá, caruru, quiabo, chuchu, pamonha, entre outros. Temperos também foram inseridos em nossa culinária como pimentas, leite de coco e o azeite de dendê.

Na religião, os africanos buscaram manter suas tradições. Porém, a necessidade de aderirem ao catolicismo fez com que eles “misturassem” suas religiões com a que lhes era imposta. Esse processo ficou conhecido como sincretismo religioso. Podemos citar como exemplo da participação religiosa africana, a umbanda, quimbanda e o candomblé.



Figura 1- Expressão cultural Capoeira

Muitas expressões culturais criadas no Brasil misturando influência africana, europeia e indígena também carregam nomes com influência das línguas africanas que vieram junto com os povos africanos escravizados. O samba, afoxé, maracatu, congada e a capoeira são exemplos da influencia africana na música brasileira que permanecem até os dias de hoje. Instrumentos como o tambor, berimbau e abatuque constituem parte de nossa cultura.

A importância das brincadeiras para a aprendizagem durante a educação infantil

Brincar é um meio de comunicação e é através da brincadeira que o indivíduo representa o seu dia a dia. A brincadeira possibilita na criança o processo de aprendizagem e facilita a compreensão e reflexão.

A brincadeira infantil é de suma importância para o desenvolvimento físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. É importante entendermos que o brincar, faz parte do aprendizado prazeroso e não apenas um ato lúdico.

O lúdico proporciona ao aluno integração com ou outro respeitando o ponto de vista de cada um, resolvendo conflitos, criando hipóteses e regras estabelecidas por si e pelo grupo.

A situação do jogo, como uma variante da brincadeira igualmente lúdica, tem suas particularidades. Costuma-se denominar como jogo algo que é diferente do brinquedo. Os jogos de sociedade, de construção, de habilidades, de estratégias, pressupõem uma regra ou uma função como determinante para o interesse por ele, assim, para seu uso.

Antes mesmo de ser jogado, há uma função clara, com regras que determinam seu uso. Nos jogos apesar de haver certa fusão entre o seu significado simbólico e sua função, a imagem e a referência simbólica costumam desaparecer sob a estrutura do jogo em si. Se o brinquedo é algo que pode ser manipulado livremente, sem estar condicionado a regras ou outros princípios, o mesmo não acontece com os jogos. O jogo tem uma referência com o mundo adulto. Enquanto o brinquedo se refere mais a infância (DELLAMORE, 2011).

O jogo vai surgindo na vida do aluno de forma gradativa, desde os mais simples até os mais complexos. Para um bom aprendizado é necessário que o aluno tenha uma boa assimilação de conteúdo. O jogo é um bom recurso para ajudar na aprendizagem.

De acordo com Carvalho (1992, p.14), desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem se sentir coagida

pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção as atividades vivenciadas naquele instante.

Carvalho (1992, p. 28) ressalta que "o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade", denotando-se, portanto em jogo.

As ações do jogo devem ser sempre recriadas, pois se transformam em um novo desafio. O brincar estimula se desenvolvimento tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar.

O jogo de dominó

Muitos acreditam que o dominó é de origem chinesa. Esse jogo é comum em muitos países. No Brasil, por exemplo, ele é bastante conhecido e é muito popular entre adultos e crianças. Estudiosos afirmam que o jogo chegou ao Brasil pelos portugueses, e era uma forma de entretenimento para os escravos.

Os dominós com figuras e palavras são muito usados na educação infantil, pois auxiliam na memorização. O número de peças pode variar, porém no material didático proposto neste trabalho de conclusão de curso, usaremos 21 peças.

Esse rico material lúdico permite um ótimo aproveitamento em diferentes níveis de dificuldade. O educador deve verificar o conhecimento dos alunos sobre o assunto apresentado no jogo, para assim construir um novo contexto para outras descobertas.

Objetivos

O principal objetivo deste material didático é fazer com que os alunos conheçam palavras que foram heranças dos povos africanos, ampliando seu vocabulário e sua cultura, pois existem muitos laços históricos e culturais que unem o Brasil e o Continente Africano.

As descobertas e informações que reafirmam a identidade brasileira tão próxima ao do continente africano muitas vezes são ignoradas ou desconhecidas de um grande

número de pessoas. Este jogo de dominó pode iniciar o contato dos nossos alunos com estas informações.

A culinária, a capoeira, a música, o jeito de andar e dançar, de festejar e de louvar as divindades, os conhecimentos de técnicas agrícolas e de mineração, são um exemplo de legado deixado aos Brasileiros pelos Africanos. Muitos de nossos alunos, não percebem o valor da África em nossa formação cultural.

O material proposto demonstrará aos alunos que nosso país possui um laço de “irmandade” com África, um dos exemplos desta afirmativa está em nossa língua portuguesa, que incorporou muitos vocábulos e expressões das línguas ioruba e banto. E cada aluno poderá percebê-lo em si.

Justificativa

O presente trabalho faz uso do jogo de dominó como recurso didático, para o ensino e aprendizado de história da África, pois acredito que na educação infantil, é possível obter um resultado mais satisfatório quando o ensino é mais dinâmico e significativo.

Com a intenção de introduzir o assunto de forma interessante para os alunos, usaremos o jogo tanto para a introdução do conteúdo quanto para fixação.

Metodologia

O material didático aqui descrito foi elaborado para alunos do 2º ano do ensino fundamental 1.

Faremos o uso de um jogo já conhecido, porém, reformulado-o. O dominó terá palavras de origens africanas e seus significados. Como será trabalhado com crianças, o dominó foi construído em feltro medindo 15 X 8 cm, com enchimento de isopor, para que não haja acidentes caso o aluno coloque-o na boca. Em seguida é proposto que façamos uma lista de palavras, usadas no dia a dia dos brasileiros, e que até o momento os alunos não tinham conhecimento que eram de origem africana. São elas: Abadá, acarajé, angu, bagunça, balangadã, banguela, batuque, cachaça, cachimbo, camundongo,

caruru, neném, quindim, quitute, quitanda, samba, sunga, tanga, tutu, vatapá, e zum-zum.

Esperamos que o material seja replicado por muitos professores do ensino fundamental I, que podem usá-los de diversas maneiras. Mas quando criei este jogo pensei em usá-lo da seguinte maneira: Em um primeiro momento, solicitaria a turma que se divida em grupos de 3 crianças. No segundo momento, explicaria as regras do jogo, e faria uma simulação de jogada, para que todos compreendam melhor o jogo. Em seguida os alunos poderão começar a jogar.

Regras do jogo Dominó de palavras de origem africanas

- 1- Podem participar de 2 a 3 jogadores.
- 2- Embaralhar as peças com as palavras viradas para baixo.
- 3- Cada participante pega 1 peça de cada vez, até que todas as peças acabem.
- 4- Será sorteado o jogador que iniciará o jogo.
- 5- Cada jogador, um a um, no sentido horário, observa e encaixa a resposta correta necessária para completar o jogo.
- 6- Quem não tiver a peça passa a vez ao jogador seguinte.
- 7- Será vencedor quem ficar sem as peças do jogo em primeiro lugar.

A construção do jogo

O material didático aqui proposto foi pensado para ser trabalhado com crianças de 7 a 8 anos. Por esse motivo as peças do dominó de palavras de origem africana serão feitas em tamanho maior que o usual, e em tecido para que seja mais fácil a manipulação das peças pelos alunos. O que também torna mais viável a reprodução deste material por outros professores, uma vez que não é meu desejo que este trabalho comece e termine aqui.

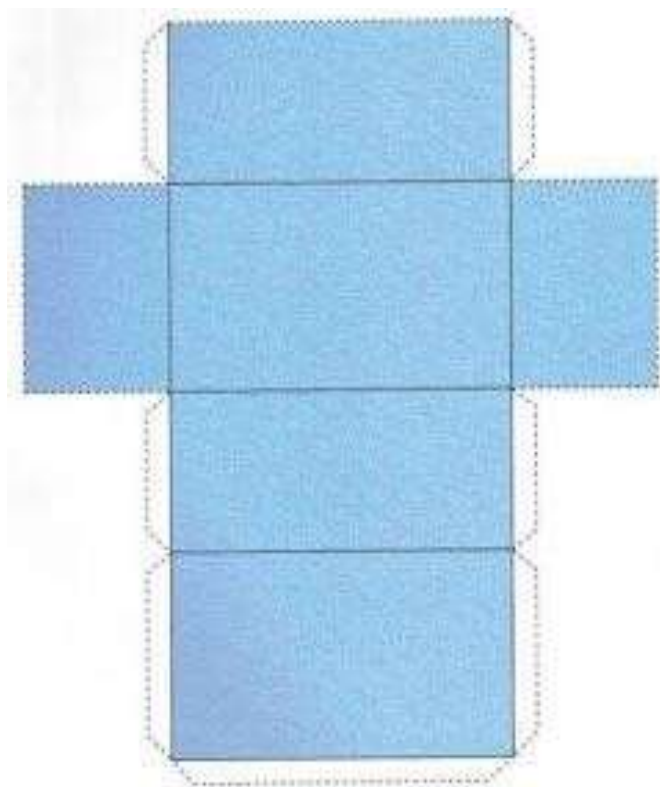
Materiais necessários:

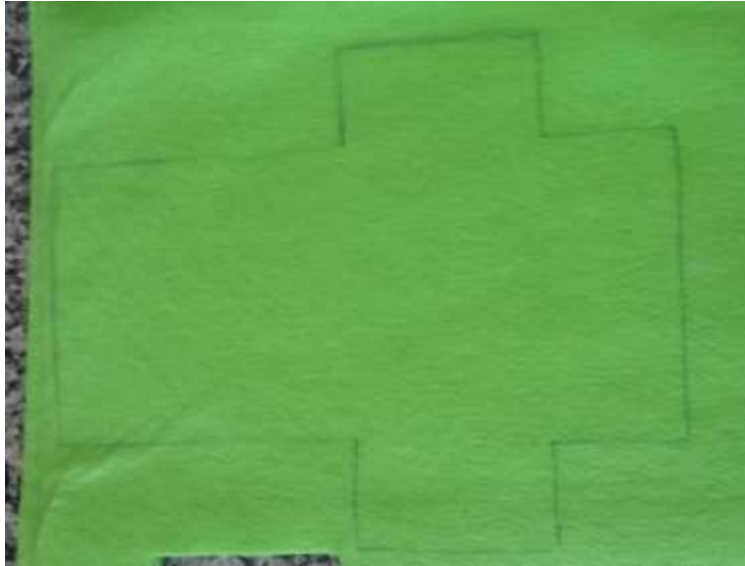
2 metros de feltro (tecido) na cor desejada

Isopor para fazer o enchimento das peças

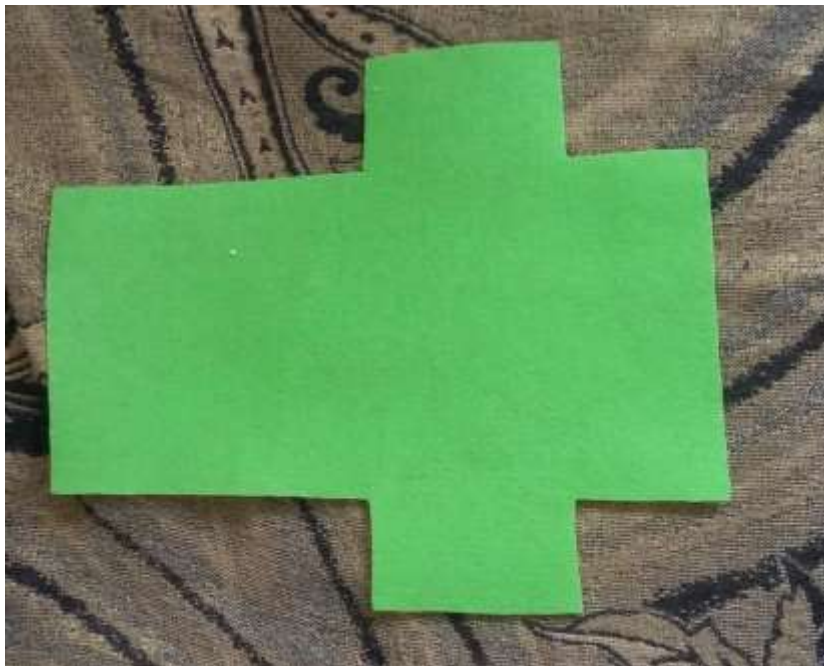
Linha e agulha

1-Corte o feltro utilizando o molde abaixo. Você precisará cortar 21 peças.





Com auxílio de uma caneta hidrocor, transcreva o molde no feltro para facilitar na hora de cortar.



Nesta imagem podemos ver como fica o feltro já cortado.

2-Costure as laterais, coloque o isopor como enchimento e termine de fechar a peça com cola quente. Faça esse procedimento com todas as peças.



Costurei as laterais do lado avesso e em seguida virei o feltro do lado direito. Deixei apenas um lado aberto para que fosse possível colocar o isopor para encher a peça.



Neste momento foi adicionado isopor dentro da peça de feltro.



Depois de posicionado o isopor, colei a “tampa” com cola quente, tomando cuidado para que ficasse com um bom acabamento.

3-Agora é a hora de fazer no Word o que irá escrito em cima de cada peça. De um lado uma palavra e ilustração do outro lado o significado de outra palavra de origem africana. Depois de fazer todas as palavras, devemos imprimir e colar em cima da peça de feltro como mostra a figura abaixo.



MATERIAL DIDÁTICO DOMINÓ - PARTE PARA IMPRESSÃO

 <p>Abadá</p>	<p>Traje de banho masculino, de tecido elástico e justo no corpo, bem curto, cavado e baixo na cintura; calção de banho.</p>
--	--

 <p>Camundongo</p>	<p>Pano que cobre desde o ventre até as coxas.</p>
---	--

 <p>Acarajé</p>	<p>Boatos, Cochichos, Mexericos.</p>
---	--------------------------------------

 <p>Balangandã</p>	<p>Feijão cozido e refogado ao qual se vai adicionando farinha até dar a consistência de pirão.</p>
---	---

 <p>Banguela</p>	<p>Nome genérico de um ritmo de dança afro-brasileiro.</p>
---	--



Batuque

Pequeno estabelecimento comercial especializado em frutas, hortaliças, ovos e temperos, Tudo aquilo que se encontra nas feiras-livres.



Cachaça

Comida fina, iguaria delicada. Iguaria. Canapé.



Cachimbo

Doce feito com a gema do ovo, côco e açúcar.



Caruru

Criança recém-nascida ou de poucos meses. Provém do Umbundo "nenem", que quer dizer pedacinho, cisco.



Angu

Da culinária (comida), iguaria de origem africana, à base de peixe ou galinha, com camarão seco, amendoim etc., temperada com azeite de dendê e pimenta.



Zum - zum

Túnica folgada e comprida.
Atualmente, no Brasil, é o nome dado a uma camisa ou camiseta usada pelos integrantes de blocos e trios elétricos carnavalescos.



Quitute

Massa de farinha de milho ou de mandioca.



Sunga

Enfeites, originalmente de prata ou de ouro, usados em dias de festa.



Tanga

Desdentado. Os escravos trazidos do porto de Benguela, em Angola, costumavam limar ou arrancar os dentes superiores.



Neném

Dança com sapateado e palmas, com som de instrumentos de percussão.



Quindim

Bebida alcoólica; pinga.



Samba

Tube de fumar, com um lugar escavado na ponta para se colocar o tabaco.



Tutu

Rato pequeno.



Vatapá

Iguaria da culinária afro-brasileira, feita com folhas, quiabos e camarões secos.



Baunilha

Bolinho feito de massa de feijão-fradinho frito no azeite de dendê e servido com camarões secos.

RESULTADO DO MATERIAL DIDÁTICO PRONTO



Figura 2 - Dominó com partes descritivas e ilustrativas encaixadas



Figura 3 - Detalhes material didático



Figura 4 - Simulação do jogo em andamento

Considerações finais

A proposta de construção de um material didático como Trabalho de conclusão de curso foi um grande desafio. Esperamos que este jogo construído e aqui exposto como uma alternativa para desenvolver um trabalho pedagógico de ampliação de vocabulário e cultura junto com os alunos possa ser útil para outros educadores. Em especial, para aqueles que carregam consigo a preocupação em implementar durante suas aulas a lei 10.639/03.

Entre nossos objetivos enquanto educadores, destaco o de fazer com que os alunos entendam que crianças, mulheres e homens que eram pegos no interior dos países africanos, reunidos e batizados antes de serem levados para o Brasil, eram trazidos a força, nos tempos do cativo, para terem suas mãos de obras exploradas nas cidades, minas e fazendas, e que mesmo semi desnudos, traziam o grandioso bem que ninguém conseguiria tirar: A sua cultura.

O jogo aqui proposto, permite um aprendizado de forma prazerosa, além de fazer com que o aluno consiga entender que somos formados por uma miscigenação racial e cultural que está impregnado não só na nossa pele e no nosso andar, mas também na nossa fala, no nosso jeito de ser, enfim, é o que nos faz ser quem somos hoje.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, SECADI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20/12/2016

_____. **Lei 10.639.** Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 01/12/2016

CARVALHO, A.M.C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura:viajando pelo Brasil que brinca.**São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

DELORME, Maria Inês de Carvalho. **Aspectos socioculturais do brinquedo e da brincadeira em Educação Infantil.** IN: DELORME, Maria Inês de Carvalho(org.). Educação Infantil II. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

LIA, Cristine Fortes; RUFFATO, Katani. Maria. Monteiro; COSTA, Jéssica Pereira. **A produção de material didático para o ensino de História.** Revista Latino-Americana de História, v. 2, p. 40, 2013.

MUNANGA, Kanbegele. **Superando o racismo na escola.** 2. Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2000.

SANTANA, Gisele dos Santos. **Multiculturalismo: educação e miscigenação.** In: FELDMANN, Marina Graziela(org.). Formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo, 2009

SANTOS, Daniel S.; BENTO, Evilânia C.; FERREIRA, Fernanda S. et al. **A importância da utilização dos mapas como instrumento de ensino/aprendizagem na geografia escolar.** Revista Caminhos da Geografia. v. 16, fev 2006. p. 176 – 179.

SOUZA, Mônica Lima. **Porque conhecer a história da África?** Publicado na Revista História Viva, nº123, jan 2014. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/conhecer_historia_africa_monica_lima.htm
1. Acesso em: 12/12/2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Sulamita da Silva Bazaga

Portfólio do Curso de Especialização em História da
África

Orientador: Prof. Daiana

Juiz de Fora- MG

2016

Histórias de vida e memória

Sou negra e fui aluna de escola pública do ensino fundamental ao superior, aprendi a valorizar os estudos e tudo que a escola podia me oferecer. Meus pais com pouca, ou quase nenhuma instrução, sempre me mostraram que o caminho para uma “vida melhor” era através da educação.

A paixão pela minha profissão começou bem cedo. Lembro-me perfeitamente que gostava de reunir meus amigos, para brincar de escolhinha, onde o papel do professor sempre era feito por mim. Quando cheguei a fase adulta não tive dúvida de qual curso escolher. Pedagogia era e sempre será minha paixão.

Ingressei no curso de pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora em 2006. Logo pude perceber que a universidade pública oferece muitas oportunidades de envolvimento e inserção. Porém, como tinha que trabalhar, não pude aproveitar tudo que a instituição me oferecia. Arrependo-me de não ter aproveitado as oportunidades dadas pela universidade, acredito que teria adquirido muitas experiências.

Meu estágio curricular foi realizado em escolas públicas, onde tive a oportunidade de acompanhar turmas multisseriadas e educação de jovens e adultos. Foi a partir de então que comecei a entender que existe a necessidade de uma formação continuada. O profissional da educação não pode se separar do ensino e da pesquisa.

Em 2010, trabalhei em duas creches públicas, onde vi minhas oportunidades de dedicação aos estudos reduzirem, mas também, por outro viés, o trabalho me proporcionou muitas reflexões. Pude perceber que o problema estava em minha acomodação como profissional. Comecei a sentir uma imensa necessidade de conhecer mais, me aprofundar em determinados assuntos e pesquisar. Sair da “zona de conforto” e mudar minha realidade educacional e profissional que se encontrava estagnada.

O tempo foi passando, as dificuldades financeiras foram contribuindo para que eu deixasse minha vontade de prosseguir nos estudos, e acabei abrindo mão de tudo que sempre sonhei. Então, voltei a trabalhar no comércio e por lá fiquei durante cinco anos, e confesso que acreditava que viveria toda minha trajetória profissional neste ramo.

Em 2015, passei por um processo de separação. A partir de então, comecei a repensar minha vida e percebi que eu era um ser que não tinha vontade própria, sempre fazia o que o outro queria e assim fui desistindo de ser quem eu realmente gostaria de ser. Logo, comecei a traçar novas metas e objetivos como pessoa e profissional. Foi aí que tive a oportunidade de me inscrever para o curso de História da África.

Motivada pelas aulas e falas dos meus colegas de curso e professores da especialização, senti necessidade de experimentar a sala de aula, vivenciar na prática tudo aquilo que era discutido e aprendido na faculdade. Trabalhei em duas escolas públicas no final do ano de 2015 como designada da rede estadual, e atualmente trabalho em uma escola particular.

Em pouco tempo de vivência de sala de aula duas situações me instigaram a aprofundar mais sobre o tema África e poder levar meu aprendizado para a sala de aula. A primeira situação aconteceu em minha turma do segundo ano do ensino fundamental, onde um dos poucos alunos negros que tenho falou aos colegas que ele iria estudar para ser presidente da república. Imediatamente, toda a turma debochou deste aluno negro, afirmando que não existe presidente negro. Como educadora intervi na situação e fiz a seguinte pergunta: porque um presidente não pode ser negro? Todas as crianças ficaram olhando para mim com semblante assustado e sem respostas para a pergunta, se calaram. A segunda situação aconteceu em minha turma de terceiro ano de ensino fundamental onde um aluno branco disse a uma aluna negra que o lugar dela era na “escola de pobre” por causa da cor de sua pele. Como crianças tão pequenas já são preconceituosas? Vivemos em uma sociedade que o preconceito existe, e aí está a importância do curso em minha vida, tentar contribuir para o fim da disseminação desse pensamento que coloca o negro como um ser inferior.

Fazendo uso dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso desenvolvi atividades de interpretação de texto colocando como texto a vida de pessoas negras da nossa sociedade. Fiz jogos de memórias com figuras de instrumentos musicais africanos, brincadeiras de perguntas e respostas com tema África e aos poucos tenho introduzido esse assunto em sala de aula, com intuito de construir em meus alunos outro olhar na questão histórico-racial e histórico-social de nosso país.

Ao fazer este exercício de reflexão sobre minha trajetória e minhas atitudes pude revisitar o meu passado e isso contribuiu muito para que eu pudesse ter a certeza que

preciso reinventar meu futuro. Relembrar minha historia, não é o mesmo que revive-la, não traz de volta a chance de escolher outros caminhos que poderia ter escolhido em minha vida. Mas acredito ser a oportunidade de me reencontrar, de fazer despertar aquela Sulamita jovem estudante de pedagogia apaixonada pela profissão que estava adormecida dentro de mim, e assim reconstruir meu futuro através das concepções que tenho hoje.

Sulamita da silva Bazaga, 11 de novembro de 2016.

A importância da formação continuada

Logo que iniciei o curso, percebi que nada eu sabia sobre o continente Africano. Todo meu conhecimento estava restrito ao sofrimento do povo. Nada sabia sobre a cultura e sua História.

Em grande parte dos livros didáticos, os negros aparecem relacionados a miséria, escravidão, sofrimento e submissão. Pessoas pouco privilegiadas, discriminadas, maltratadas, com uma cultura que nós resumimos em capoeira, candomblé, atabaques safáris e roupas coloridas.

A partir do meu ingresso no curso, todos os meus pensamentos sobre aquele povo que faz parte da construção da história do meu país foi sendo transformado. E hoje como educador, puder perceber que se nós continuarmos a minimizar a história do segundo maior continente do nosso planeta, e muito mais que isso, se desvalorizarmos o povo que contribuiu também com nossa história, podemos estar ressaltando a desvalorização dos afrodescendentes.

Quando falo em desvalorização, me refiro a associação que se faz do negro a tudo que é ruim, como cabelo, pele escura, pobreza. Muitas vezes, em minha infância, me senti menor que as demais pessoas por ser negra, e acreditava que sempre estava a margem. Hoje vejo que meus poucos alunos negros sofrem do mesmo que sofri na minha infância.

As aulas ministradas nos forneceram conhecimento amplo sobre o continente e como combater essa desvalorização do negro. Pude ver que os primeiros centros universitários e culturais de que se tem registro na história da humanidade foram encontrados na África. E essa informação dissolve o estereótipo de um povo considerado desprovido de conhecimento. Muito antes da colonização europeia, os diversos povos que habitavam esse continente, já tinham conhecimento de astronomia e medicina que serviram posteriormente como base para ciência moderna. Dominavam também, técnicas de agricultura, mineração, metalurgia e usavam sistemas matemáticos muito bem elaborados.

Entre as grandes civilizações da humanidade, que serviram de base para o estudo da história e os grandes avanços tecnológicos, encontramos no Egito, que todos sabemos, esta localizado na África, embora insistam, em tratar toda aquela área ao norte

do continente como África branca, em uma tentativa preconceituosa de excluir da cultura dominante, os demais países daquele continente.

São essas as denúncias que eu como professora desejo fazer, deixando clara a todos os alunos que toda produção intelectual e tecnológica do mundo teve sua origem no continente africano. Acredito que seja de suma importância que a escola se empenhe em aprofundar seus conhecimentos sobre “O berço da intelectualidade”, através de uma reflexão verdadeiramente crítica sobre os valores que vem passando até os dias de hoje. Valores estes que acabam fomentando a discriminação e a desvalorização de um povo. Povo este, que não apenas dança e sorri apesar de todo sofrimento, mas que tem uma cultura riquíssima em inúmeros elementos relacionados a todas as áreas do conhecimento.

Lei 10.639/03

A publicação da lei 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da história da África e dos afro-brasileiros no ensino fundamental e médio. Porém, é importantíssimo que o estudo deste povo não se resuma a escravidão, fome, guerras e epidemias. Nem mesmo que em uma tentativa de valorização dos afros descendentes, seja falado apenas da arte e cultura.

Torna-se necessário conscientizar-nos que não estamos apenas contando a história de um continente, e sim a história da civilização humana. A história do início da história, com todos seus aspectos contributivos, principalmente ao nosso povo brasileiro.

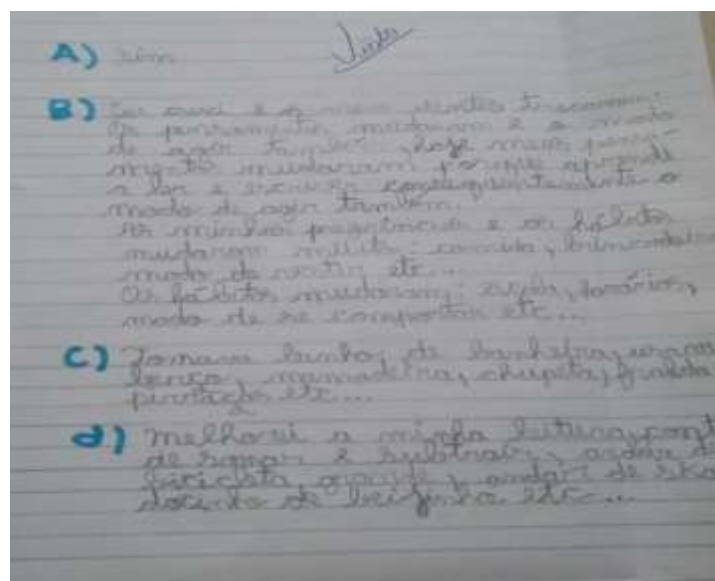
Prática em sala de aula

Trabalho com segundo e terceiro ano do ensino fundamental, lecionado português, ciências e artes. Logo pensei uma forma de introduzir os conhecimentos adquiridos ao longo do curso em sala de aula.

Iniciei meu trabalho de forma a valorizar a história de cada um e pretendo expandir até conseguir chegar ao continente africano. Acredito que é importante refletirmos sobre nossa historia e nos reconhecer como seres plurais que a todo instante contribui com a construção da história de nossa família, comunidade, cidade, pais e do mundo.

Em um primeiro momento pedi aos meus alunos para que levassem fotos do nascimento, primeiro ano e uma foto atual. Cada um construiu uma linha do tempo, contando sua trajetória de vida até os dias de hoje. Todos os trabalhos foram apresentados e expostos nos corredores da escola, na intenção de promover a valorização de cada individuo.





(Um dos trabalhos que foi exposto nos corredores da escola)

Uma aula que me marcou muito durante a pós-graduação, aconteceu com a professora Sônia onde ela e sua convidada propõe a desconstrução do espaço da sala de aula, e faz uso de cantigas de roda e dança. Fomos levados a área externa da faculdade e lá tivemos uma aula incrível. Logo não pude deixar de fazer meus alunos terem a mesma experiência. Então, promovi uma aula fora do ambiente tradicional de sala de aula onde realizamos um trabalho de resgate as brincadeiras que seus pais mais gostavam de brincar. Pesquisamos e descobrimos que a nossa diversidade está ligada fortemente a cultura africana, não somente nos costumes, comida, crença, mas também nas brincadeiras. Pular corda, corre-cutia, escravos de Jô e pega-pega foram brincadeiras de origem dos países Africanos.

Tivemos a oportunidade também de fazer uma mini horta em garrafas pet, pois em nosso segundo bimestre o assunto era plantas. Trabalhei com a turma na plantação de temperinhos utilizados em nossa culinária que são herança dos povos africanos. Esse trabalho foi muito produtivo, pois ao fim cada aluno levou sua planta e pode ensinar para família como é usado cada vegetal.

Em suma, tenho utilizado os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de pós-graduação de forma paralela aos conteúdos ministrados em sala de aula de forma a valorizar os povos que fazem parte da formação de nosso país.



(Aula realizada fora do ambiente da sala.)

Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas

O livro didático tem sido o principal instrumento de trabalho na escola onde eu leciono. Por esse motivo, encontrei muita dificuldade em pensar em um material didático onde eu pudesse introduzir a importância dos povos Africanos na construção da cultura de nosso país.

A desvalorização do negro na sociedade atual vem da associação a tudo que é ruim, feio, obscuro, sombrio. Por esse motivo, pensei em desenvolver um material didático lúdico onde eu pudesse ensinar os alunos na hora do recreio de uma forma divertida e prazerosa, sobre a influência dos Africanos na nossa cultura.

Em um primeiro momento pensei na construção de um jogo de tabuleiro, feito em feltro. Criei as regras juntamente com os alunos, e todos decidiram da seguinte forma: A cada rodada do jogo 4 alunos jogam. O jogador joga o dado e anda o número de casas determinado no dado. Ao parar na casa onde há uma pergunta, o participante deve responder. Quando o aluno não souber a resposta poderá consultar nas cartas de ajuda e/ou perguntar ao professor.

Vi neste jogo a oportunidade de retirar o foco em materiais que valorizam somente a elite, ou somente pessoas de pele clara. Quando coloco em um jogo assuntos relacionados a herança de um povo que ajudou na construção de nossa cultura , estou envolvendo a todos, sem exclusões.

Acredito que com esse material será possível estabelecer relações de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, e criar em meus alunos o reconhecimento de uma cultura que durante muito tempo foi segregada e anulada.

Considerações finais

Vejo na escola um ambiente sociocultural, onde homens e mulheres, negros e brancos, professores e alunos, são levados a se ver como seres históricos e personagens da história. A escola tem o papel de resgatar a importância que cada indivíduo tem na construção da trama social.

É no espaço escolar que acontecem as primeiras relações sociais com diferentes seres humanos, relativamente diferentes com os indivíduos que constituem o grupo familiar que a criança está inserida. Neste contexto, percebo a importância de se desconstruir o estereótipo negativo que é atribuído aos afrodescendentes. Combater ao racismo e o preconceito é algo que deve começar logo que o indivíduo começa as suas primeiras relações sociais.

A formação continuada criou em mim o desejo de rever minhas práticas. Cada conteúdo visto na pós-graduação me fez entrar em sala de aula mais empenhada a construir uma realidade diferenciada, onde a cultura afro-brasileira deixou de ser mencionada como um assunto folclórico e passou a construir a realidade de cada um, pois está em todos os campos da formação do povo brasileiro.